RESUMO
O objetivo deste artigo é refletir sobre a questão moral na obra O Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde. Será abordado o fato de o livro ter sido considerado imoral pelos críticos e pela sociedade da época, evidenciando elementos da obra que podem ter contribuído para tal fato, a hipocrisia da era vitoriana e o papel do autor nesse contexto. Analisaremos o prefácio do livro, no qual o autor defende a amoralidade na obra de arte. Os argumentos de Wilde serão fundamentados em autores que consideram que uma obra de arte independe da "moral vigente", pois esta se caracteriza por estar profundamente arraigada no indivíduo social e histórico que somos.

PALAVRAS-CHAVE: autor, obra, sociedade, arte, moral.

ABSTRACT
The aim of this article is to reflect upon the moral question in Oscar Wilde's masterpiece, "The Picture of Dorian Gray". This work deals with the fact that the book was considered immoral by critics and also by the society of the period. It highlights aspects from the book that might have contributed to this fact; it shows the Victorian Age hypocrisy and also analyzes the author's role in this context. The preface will be analyzed, in which the author defends the amorality in a work of art. Wilde's arguments will be supported by authors who consider that a work of art is not dependent on the current moral, since it's characterized for being deeply related to the social and historic individual that we are.

KEY-WORDS: author, work, society, art, moral.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho terá como foco o único romance escrito por Oscar Wilde, "O Retrato de Dorian Gray", mais precisamente sobre o fato do livro ter sido considerado "imoral" pelos críticos e pela sociedade da época. A escolha do tema se deve ao interesse científico em enfatizar a "amoralidade" de uma obra de arte. O tema escolhido é relevante para os profissionais de Letras, pois refletirá a relevância da obra de Oscar Wilde na sociedade vitoriana e a influência da temática defendida pelo escritor em várias linguagens artísticas.

Nesse trabalho, o olhar se dirige mais especificamente aos trechos da obra que podem ter sido considerados "imorais" e também ao prefácio do livro "O Retrato de Dorian Gray"- no qual Wilde responde às críticas defendendo a "amoralidade" da arte. Em sua filosofia de vida, ele expõe a idéia de que o propósito da arte é não ter propósito.

O ponto a ser discutido abordará a ques-

de Darwin e Marx geraram incertezas sobre a fé e a estrutura social. A prosperidade da classe média contrastava com a miséria urbana de Londres, marcada pela exploração do trabalho infantil, criminalidade e precariedade habitacional. Esse panorama de "glamour e decadência" nutriu valores rígidos: enquanto a economia e o saber eram exaltados, a pobreza era estigmatizada como vício.
A era foi definida por uma moralidade convencional que silenciava o sexo e idealizava o ambiente doméstico. Contudo, Richard Miskolci (1996) a denomina "era da hipocrisia" devido à coexistência desses tabus com um vasto mercado erótico e a institucionalização da prostituição, vista paradoxalmente como salvaguarda

no livro foram fatores que contribuíram para inúmeras críticas na época que o acusaram de ser "imoral"
O romance foi publicado pela primeira vez no Lippincott's Monthly Magazine em Julho de 1890. Logo de início foi recebido, na maioria das vezes, com críticas de imoralidade:

"O livro não esclarece de maneira suficiente se o escritor não prefere uma trajetória de vida baseada na maldade à uma vida de pureza, saúde e sanidade" (Scots Observer, 1890)

queixou-se o Scots Observer. O jornal Daily Chronicle assumiu um tom semelhante, alegando que:

"O livro do Sr. Wilde não tem nenhum uso real, a não ser para inculcar a "moral" que, quando você sente tornar-se demasiado angelical você não pode fazer melhor do que sair correndo e fazer uma besta de si mesmo." (Daily Chronicle, 1890)

Estas alegações foram totalmente inesperadas por Wilde, que pensou que ele havia escrito um livro obsequiosamente moral. "Eu não consigo entender como eles podem tratar Dorian Gray como imoral", Wilde escreveu a Arthur Conan Doyle, em Abril de 1891: "a minha dificuldade era manter a subordinação inerente moral para o efeito artístico e dramático" (Letters 478). Wilde fez várias tentativas públicas para mostrar aos seus críticos esse ponto. Em sua defesa elaborada, ele evidencia alguns dos problemas que são confrontados pelo artista. Esses problemas estão associados ao conflito entre a liberdade pessoal exigida pelo artista e as restrições impostas pela demanda de moralidade pública.
Em uma carta ao Diário de St. James (26 de junho de 1890) ele alega ainda a auto evidência de uma moral de Dorian Gray: "eles vão achar que Dorian Gray é uma história com moral, e a moral é esta: Todos os excessos, assim como toda renúncia, traz a sua própria punição ...Sim, há uma terrível moral em Dorian Gray - a moral que o lascivo não será capaz de encontrar, mas que será revelada a todos aqueles cujas mentes são saudáveis. É este um erro artístico? Eu temo que sim!"

A questão da "moralidade" na obra de arte:

"A obra de arte pode ter um efeito moral, mas exigir uma finalidade moral do artista é fazê-lo arruinar a sua obra." - Goethe

A palavra "moral" tem sua origem no termo latino mores, cujo significado é costume. Moralis (< latin mos = grego 'costume').
A moral são as regras ou normas pelas quais se rege a conduta de um ser humano em relação com a sociedade e consigo mesmo. Portanto "moral" não acarreta em si o conceito de mau ou de bom.

"Não existem fenômenos morais, senão só uma interpretação moral dos fenômenos."- Friedrich Nietzsche

O século XIX marca a consolidação da alienação dos indivíduos com relação à existência pública. Wilde foi uma figura pública numa sociedade viciada na vida privada. As pessoas temiam revelar suas intimidades pelas aparências. Os dois fenômenos que os burgueses mais temiam revelar nas aparências eram a classe social e o sexo. Wilde recusou-se a cindir sua vida pessoal em duas como fizeram seus contemporâneos, afirmou a unidade de sua personalidade frente a uma sociedade baseada na vida dupla. Sua opção pelo humor para manifestar as agudas críticas à sociedade vitoriana é coerente com sua percepção de que a distorcida moral burguesa que queria denunciar tinha na aparência de seriedade seu alicerce. Nos sérios rostos dos burgueses descobriu uma máscara que queria retirar.
No romance "O Retrato de Dorian Gray", Oscar Wilde revela a sociedade vitoriana

e o público.
O poeta e escritor transformam tudo que passa por eles, combinando a realidade que absorvem com a própria percep-

go, você se esquece que nós estamos na terra natal dos hipócritas." (WILDE, 1993, p. 173)

No capítulo em que Dorian reflete sobre os comentários da sociedade de que ele estivesse envolvido com marginais que contrabandeavam drogas (ópio), Wilde insinua que para a burguesia o estilo de vida dos ricos é mais importante que a moral vigente:
"A grande riqueza que ele possuía era certamente um elemento de segurança. A sociedade, pelo menos a sociedade civilizada, nunca acredita muito em nada que seja em detrimento daqueles que são ambos ricos e fascinantes. Ela sente instintivamente que o estilo de vida é mais importante que a moral, e em sua opinião, a mais alta respeitabilidade tem menos valor do que a posse de um bom chefe de cozinha." (Idem, p. 164)
Sob o moralismo imposto pela aristocracia burguesa pairava a hipocrisia, pois os assuntos relacionados a tudo que era considerado "pecado" ou "imoral" (como a prostituição, o uso de drogas e assassinato) deveria ser evitado (colocado "embaixo do tapete"). A verdade é que esses fatos aconteciam no cotidiano de Londres e Wilde ousou falar sobre a fascinação e paixão pelo "pecado" e também sobre o uso de ópio de uma maneira que deve ter chocado os puritanos:

"Existem momentos, quando a paixão pelo pecado, ou por aquilo que o mundo chama de pecado, domina a natureza de uma forma, que cada fibra do corpo, assim como cada célula do cérebro parece estar com instintos impulsivos livres do medo. Homens e mulheres nesses momentos perdem a liberdade de suas vontades." (WILDE, 1993, P.218)

"Os braços e pernas torcidos, bocas escancaradas, olhos estáticos, fascinavam Dorian. Ele sabia em quais paraisos estranhos eles estavam sofrendo, e quais infernos estavam ensinando a eles o segredo de algum novo prazer. Eles estavam mais felizes que ele." (Idem, p. 216)
No capítulo em que Lord Henry conversa com Dorian sobre o fato de um seus convidados ter matado um homem de maneira acidental durante uma caçada, pode-se notar uma certa admiração ou uma curiosidade perversa por alguém realmente criminoso:
"Isso não tem nenhum valor psicológico. Agora, se o Geoffrey tivesse feito a coisa de propósito, (matado o marinheiro) como ele seria interessante. Eu deveria gostar de conhecer alguém que tenha realmente cometido um assassinato." (Idem, p. 235)
Numa sociedade moralista que considerava os atos homossexuais como crimes passíveis de prisão (como aconteceu com o próprio autor), o capítulo do livro no qual o pintor Basil declara sua paixão por Dorian deve ter causado furor:

"Eu adorava você. Eu sentia um ciúme crescente de todos com quem você falava. Eu queria ter você inteiro para mim. Eu só era feliz quando eu estava com você. Quando você estava longe de mim, você ainda estava presente na minha arte. Claro que eu nunca deixei você saber nada sobre isso." (WILDE, 1993, p. 132)

No capítulo em que Dorian estava obcecado pela ideia de que o irmão de Sibyl estaria em sua casa de campo para matá-lo, pode-se observar mais uma das críticas de Wilde sobre a sociedade vitoriana, no final das reflexões de seu personagem: "No mundo comum dos fatos, os maus não são punidos, nem os bons são recompensados. O sucesso é dado ao forte e o fracasso cai sobre o fraco." (Idem, p. 229)

Considerando o contexto social e os valores predominantes na era vitoriana em contraste com os trechos selecionados do romance, podemos refletir sobre os motivos que levaram a sociedade da época a considerar o livro como "imoral". Pois, de acordo com Antonio Candido "a sociedade traça normas por vezes tirânicas para o amador de arte, e muito do que julgamos reação espontânea da nossa sensibilidade é, de fato, conformidade automática aos padrões dos valores", aos quais estamos inseridos. "(...) mesmo quando pensamos ser nós mesmos, somos público, pertencemos a uma massa cujas reações obedecem a condicionantes do momento e do meio" (CANDIDO, 2000, P. 32).

A RESPOSTA DE WILDE EM RELAÇÃO ÀS CRÍTICAS

No prefácio da primeira edição do livro em 1891, que inicialmente havia sido publicado em 1890 em capítulos na revista mensal Lippincott's, Wilde responde as críticas defendendo a "amoralidade" da Arte.
Em sua filosofia de vida, ele expõe a idéia de que o propósito da Arte é não ter propósito. Essa afirmação foi considerada uma afronta à mentalidade vitoriana, para a qual a Arte era o instrumento de educação social e de "elevação moral".
Segue o resumo da tradução do prefácio original defendendo-se das críticas:

O autor defende que a arte deve ser apreciada exclusivamente por sua estética, argumentando que não existem livros morais ou imorais, mas apenas livros bem ou mal escritos. Para ele, a obra de arte funciona como um espelho que reflete a alma do espectador e não a vida real, de modo que as críticas negativas revelam mais sobre os preconceitos do crítico do que sobre as intenções do artista. Por fim, ele sustenta que a arte não possui uma utilidade prática ou função pedagógica, encontrando sua única justificativa na própria beleza e na admiração que desperta, sendo, portanto, uma expressão puramente autossuficiente e alheia a julgamentos éticos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A RECEPÇÃO DO PÚBLICO EM RELAÇÃO A UMA OBRA
Para o crítico britânico Terry Eagleton, um texto é um conjunto de indícios que convidam o leitor a dar sentido a ele, ou seja, um processo de significação que se materializa com o ato da leitura. Na leitura, somos levados a um processo – muitas vezes inconsciente – de especulação e dedução a respeito das indicações dadas pelo texto. Ao lermos, constantemente construímos suposições a respeito dos significados do texto que serão confirmadas ou refutadas à medida que continuamos a leitura. Ao leitor cabe, assim, o papel essencial de concretizar a obra literária: estabelece conexões, preenche lacunas, constrói hipóteses, confirma-as ou refuta-as – "e tudo isso significa o uso de um conhecimento tácito do mundo em geral e das convenções literárias em particular" (EAGLETON, 2003, p. 105). É devido a esse uso de conhecimentos próprios que a interpretação é sempre questionável.
Eagleton compartilha também da visão do teórico literário americano Stanley Fish, de que – no mundo da literatura, nas ciências sociais e até mesmo nas ciências exatas – não há fatos brutos, independentes da experiência e da interpretação humana. Um fato nada mais é do que uma interpretação com que todos concordam. E geralmente há mais de uma teoria para interpretar um mesmo fato.
A observação mais importante apresentada por Eagleton se refere à posição histórica do leitor. Para ele, a leitura – e, por conseguinte, a interpretação – não pode ser considerada a-historicamente. "Os leitores não se encontram com os textos no vácuo: todos os leitores estão social e historicamente situados, e a maneira pela qual interpretam as obras literárias será profundamente condicionada por esse fato" (EAGLETON, p. 114). O leitor não se aproxima do texto isento de experiências, pré-concepções e outros envolvimentos sociais e literários anteriores. É o repertório pessoal que ele movimenta quando do ato da leitura é determinado, ou pelo menos influenciado, por sua época e por seu lugar.
E ele vai ainda além, afirmando que, em se tratando quer de leitura, quer de interpretação, não existem reações puramente literárias. "Todas as reações, sem exclusão das reações à forma literária [...] estão profundamente arraigadas no indivíduo social e histórico que somos" (op. cit., p. 123). Isso significa que toda resposta produzida em relação a uma obra literária é definida e delimitada pela posição do leitor na sociedade.
Diante dessas afirmações de Eagleton, podemos retornar a questão central desse trabalho: uma obra de arte pode ser considerada "imoral"?

CONSIDERAÇÕES FINAIS
A história do homem que comete as maiores barbaridades em nome do prazer e nunca envelhece enquanto seu retrato ganha contornos soturnos e aterradores, chocou leitores e críticos, que viram ali um atestado da perversão em Wilde.
No prefácio do romance, Wilde escreveu uma reflexão sobre a arte, o artista e a utilidade de ambos: "Toda arte é completamente inútil". Para o esteta, a vida ideal imita a arte, que é bela, porém é

completamente inútil para além de sua beleza, preocupada apenas com sua vida individual. Influências sobre os outros, se existentes, são triviais na melhor das hipóteses.
Muitos leram "O Retrato de Dorian Gray" como um romance patrocinador, que incentivava o estilo de vida estética, baseado no hedonismo. No entanto, a história da ascensão e queda de Dorian Gray representa uma alegoria à moralidade que pretendia criticar, ao invés de apoiar a obediência dos impulsos de maneira impensada como estética dita.
No romance, Lord Henry Wotton prega a filosofia estética com uma elegância e uma eloquência que conquista a confiança de Dorian nos princípios que ele defende. O leitor é cativado muitas vezes da mesma forma. Seria um erro, no entanto, interpretar o romance como uma recomendação de patente do Esteticismo. Apesar de Dorian Gray personificar o estilo de vida estética, buscando a satisfação pessoal, em última análise, enquanto ele goza essas indulgências, seu comportamento mata a si mesmo e aos outros, e ele morre mais infeliz do que nunca. Sendo assim, ao invés incentivar o puro Esteticismo, o romance é um conto preventivo no qual Wilde ilustra os perigos da filosofia estética quando não praticada com prudência.
Embora Wilde tenha afirmado de forma explícita no prefácio do livro que "não existe algo como um livro moral ou imoral" e que "aqueles que lêem o livro como um símbolo, o faz às suas expensas" (por conta e risco), o final do romance foi problemático para os leitores vitorianos que leram o livro como um símbolo e imaginaram se este era moral ou imoral. A filosofia de Dorian de viver a vida ao máximo "sempre procurando por novas sensações" e os valores defendidos por Lord Henry de que "quando a alma adoece, o único meio de curá-la é não negar absolutamente nada as sensações", foram aspectos que contribuíram para que

Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

ROGERS, Pat. The Oxford Illustrated History of English Literature, Oxford and New York, Oxford University Press, 1993.
TRILLING, Lionel. Literatura e Sociedade (ensaio “Costumes, Moral e o Romance”). Rio de Janeiro: Ed. Lidador, 1965.

WILDE, Oscar. The Picture of Dorian Gray. (Retold by F. H. Cornish). Macmillan, 1993.

_____. O Retrato de Dorian Gray (tradução de Hamilcar de Garcia). Ed. Saraiva. SP. 1953.

REVISTA: CULT – Revista Brasileira de Cultura. São Paulo. Ano 10, Nº 114,- Dossiê: Oscar Wilde - pág. 46-62, Junho/2007